

# PERCEPÇÕES DO DESENHO EM UM SUPORTE READY-MADE

*Drawing perceptions on a ready-made support*

Greicy Kelly Teixeira dos Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** Este trabalho apresenta considerações sobre o processo de criação de um objeto, nomeado de "Observatório do desenho", realizado em 2022. Este trabalho traça relações muito próximas entre um objeto como suporte-matriz e operações que articulam a realização de um desenho tridimensionalizado. Desse modo, o texto busca construir reflexões sobre questões do objeto em sua materialidade e sua possibilidade de ser percebido como um desenho, considerando alguns elementos que constituem as relações entre plano versus linha, bem como suas implicações com o objeto *ready-made*.

**Palavras-chave:** objeto; desenho; suporte; tridimensionalidade; linha.

**Abstract:** *This article presents considerations about the process of creating an object, named Observatório do Desenho, carried out in 2022. This work traces very close relationships between an object as a matrix support and operations that articulate the realization of a three-dimensional drawing. In this way, the text seeks to build reflections on questions about the object in its materiality and its possibility of being perceived as a drawing, considering some elements that constitute the relationship between plane versus line, as well as its implications with the ready-made object.*

**Keywords:** *Object; drawing; support; three-dimensionality; line.*

<sup>1</sup> Artista Visual e Mestranda em Artes na linha de Teoria e Crítica da arte pelo programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade federal do Espírito Santo (PPGA/UFES), neste mesmo local obteve o Bacharelado em Artes Plásticas (2013-2019).

## **Introdução**

O presente trabalho busca construir reflexões sobre o processo de criação de um objeto, nomeado de “Observatório do desenho”, realizado em 2022. Para a construção textual, são levadas em conta as aproximações e distanciamentos entre os artistas Marcel Duchamp e seus *ready-mades*, por ser um objeto do cotidiano re(colocado) no processo artístico, com os objetos embrulhados de Christo Javacheff, em que ele estabelece métodos possíveis para se trabalhar o objeto como suporte. Com essa prática, pretende-se refletir sobre o sentido do objeto industrial na produção de desenhos, verificando suas potencialidades como obra de arte e, igualmente, abarcando estratégias e operações utilizadas na concepção, realização e montagem do trabalho.

## **Observatório do desenho, um objeto**

A construção deste trabalho envolveu uma série de demandas e escolhas, antes que a ação própria do campo dos procedimentos se iniciasse. Foi necessário observar o meu entorno, escolher um espaço específico (privado ou um espaço de trabalho) e, nele, observar e listar todos os objetos que se encontram ali. O estudo da função do espaço e dos objetos contidos nele demandou considerável tempo e maturação da ideia de realizar um objeto poético, a partir de um objeto pessoal. A lista de objetos do entorno imediato (o *Umwelt* ou ambiente) revelou o quanto nós, sujeitos contemporâneos, estamos circundados por objetos, mais ou menos úteis, mais ou menos importantes.

Esses inventários terão, portanto, um caráter “microscópico”, aplicados ao indivíduo situado no centro dessa esfera.

Micro-atos, micro-acontecimentos, micro-prazeres, micro-angústias, constituem a essência da textura da vida, compreendendo-se aí a vida “social” em detrimento da das estruturas em “grande escala” que se

diluem no longínquo e se tornam os elementos de um quadro em vez de serem produtos do próprio homem. (CASTANHEIRA, 2017, p. 148)

Para Abraham Moles (1981), a vida social, relacionamentos de pessoas com pessoas, foi cedendo espaço para a atuação dos objetos como mediadores dessas relações humanas. Ocorre tanto uma “reificação do Outro para a impersonalização funcional dos seres” (MOLES, 1981, p. 14), quanto uma promoção do objeto a um “prolongamento das ações humanas”, até tornar-se mensagem social.

Deu-se, então, a escolha por um objeto, um binóculo que fica sobre a mesinha ao lado da janela da sala. Esse binóculo foi um presente do meu pai, para que, em uma próxima viagem, eu e minha irmã pudéssemos explorar outros lugares. Dentre os objetos listados, ele foi o escolhido por carregar consigo uma história afetiva e memorialista. A partir da escolha do objeto e do estudo de suas possibilidades formais, para além de sua função imediata, nos foi proposto utilizar o objeto como suporte para ações solitárias ou combinadas entre si.

Os métodos estabelecidos por Jean-Clarence Lambert (apud MORAIS, 1999, p.226-7) foram disponibilizados como diretrizes para trabalhar o objeto como suporte, com o qual poderia ocorrer uma desrealização, enigmatização, dramatização, acumulação e serialização do objeto. Entenda-se a desrealização tanto como o apagamento funcional do objeto quanto o ato de fazê-lo significar outra coisa; a enigmatização lança questionamentos sobre o que seria aquilo; a dramatização abusaria da expressividade com a finalidade de levantar, no espectador, reações emocionais mais exacerbadas. E a acumulação/serialização tira partido da quantificação e da multiplicidade de espécimes iguais, com os quais se constrói uma composição no espaço.

Inicialmente, procurei alterar a função do binóculo, no sentido de ver

para fora, em que a imagem vista fosse o próprio olho do observador. Para tal, foi necessário entender o funcionamento e estrutura do objeto. Há uma regulação das lentes, feitas pelo usuário, para que se possa ver objetos e cenas em diversas distâncias. Essa regulação da lente provém de um complexo sistema de prismas que permite alcançar imagens que, a olho nu, não seria possível. Retirei as lentes e coloquei um espelho para que a imagem vista fosse o próprio olho do observador; a imagem ficou inversa, pois a lente esférica altera a direção da luz e a imagem refletida é alterada.



**Figuras 1 e 2.** "Reflexo". A Imagem 1 se refere a um binóculo, objeto óptico articulável composto por um par de tubos ligados por um sistema de lentes, desmontado, apoiado sobre a mesa com as lentes de aumento viradas para cima. Na imagem 2 foi colocado um espelho por debaixo de uma das lentes para que fosse refletido o olho, assim a imagem vista seria o olho do próprio observador. A imagem do olho ficou inversa pois a lente esférica altera a direção da luz e a imagem refletida é alterada. 19 x 16 x 6 cm. 2022. Fonte: Acervo pessoal. binóculo e espelho.

Em um segundo momento, explorei a possibilidade de que a desrealização funcional do objeto se desse pela exploração de suas formas e texturas. De posse de um pedaço de tecido claro, com algumas manchas escuras e de um carretel de linhas preto, fui envolvendo o binóculo no tecido e amarrando o conjunto nas linhas, em diversas partes e direções do objeto.

O tecido foi um acontecimento gráfico à parte. Ele passou da condição de resíduo de uma ação para ficar à espera de ter outra serventia. A operação de apagamento formal e da superfície do binóculo tornou-se a ocasião propícia para sair de sua latência e participar na composição. Pude percebê-lo como um desenho fornecido pelo acaso, de um modo diferente, como que meu trabalho em desenho, em geral, é concebido.

Ao embrulhar o binóculo nesse tecido, além de dar-lhe uma carga de maciez, eu trago uma superfície nova para o meu objeto. Superfície essa que, sendo clara, apresenta, aqui e ali, situações de contraste por conta de manchas e linhas próprias da “estampa” do tecido. Posterior a isso, procedi com as amarrações com a linha preta de costura. A linha preta funciona de dois modos: no sentido estrutural e no sentido visual. Estrutural, pois essa amarração prende o tecido no objeto, e o visual aparece no modo como a linha de costura é enrolada no objeto, que também dialoga com o grafismo oriundo do tecido. Desse modo, é como se estivesse desenhando sobre um novo suporte.

Na construção final dessa proposta, creio haver trabalhado com três ações no objeto, desrealizando a função do objeto, quando é retirada a sua função de ver em variadas distâncias. Ocorreu uma enigmatização do binóculo, pois ficou muito difícil de reconhecer o que estava ocultado pelo tecido e as linhas. Por fim, há um apagamento, pois ele é apagado como forma e como função. Assim, realizei uma conexão em três possibilidades de transformação do objeto.



**Figuras 3 e 4.** Vistas de Observatório do desenho. As imagens 3 e 4 se referem ao binóculo em posições diferentes, na imagem 3 o binóculo está deitado e na imagem 4 o binóculo está em pé apoiado sobre a mesa. Ambos são um binóculo embrulhados em um tecido branco que possui algumas manchas pretas e enrolado com linhas pretas que formam um desenho sobre o binóculo. 19 x 16 x 6 cm. 2022. Fonte: Fotografia Fernanda Passini. Binóculo, tecido e linha de costura.

### **Objeto e Desenho**

"Observatório do desenho" foi uma experimentação cujo processo de criação foi complexo, pois envolveu idas e vindas acerca de decisões a serem feitas, no sentido de ressignificar a matriz, que é um objeto de forte carga afetiva. Eu não queria destruí-lo. Desse modo, as operações foram no sentido de conciliação e negociação com assuntos que me interessam como artista, a realização da demanda externa do exercício e a preservação do objeto. O objeto poderia ser desconstruído, retirando-se as linhas e o tecido. Além disso, explorei o seu volume original e a dureza para dar-lhe uma relativa maciez. Pude explorar, também, naquele objeto de escala manual, minhas práticas usuais em desenho,

em direção à tridimensionalização.

Minha poética lida com a migração da linha como ente bidimensional, para sua concretude, explorando materiais que podem ter respostas gráficas, como tiras de tecido, tiras de plástico, estruturas de madeira e outros materiais, com os quais efetuo composições no espaço real.

Pensando na linha e nas várias possibilidades em que ela pode ocorrer, conforme Inês Osório, há dois modos operacionais que a linha no espaço pode operar, sendo:

- a) utilização do desenho como estudo prévio das possibilidades formais;
- b) utilização desse domínio como metodologia orientadora na produção efetiva de um dado objeto escultórico. (CASTRO, 2009. P.43.).

Para esse momento, a opção (b) é a mais apropriada, pensando no conjunto de linhas que pode compor uma forma, auxiliando na construção do desenho em partes, o que abre a possibilidade visível e construtiva de um desenho no espaço e como objeto.

Há algumas relações de aproximação e distanciamento com o conceito de *ready-made*, de Marcel Duchamp (1887-1968): a aproximação pelo objeto pronto como suporte ou resultado do trabalho de arte e o distanciamento pelo acaso, já que meu objeto foi escolhido por meio de uma ação consciente. Nos *ready-made* de Marcel Duchamp, o objeto cotidiano é re(colocado) no contexto artístico; retira-se o objeto da sua função habitual, mudando o contexto em que é inserido e, desse modo, o ângulo a partir do qual, normalmente, ele é percebido. Portanto, Duchamp realiza uma desrealização do objeto por liberá-lo de sua função inicial. Por outro lado, não há uma intenção deliberada na seleção do objeto que se torna um *ready-made*. A escolha se dá pelo acaso, ou melhor, por meio de uma "beleza da indiferença", expressão com que Duchamp se referia à sua determinação interna de não propor objetos com carga auto representacional ou que fossem vinculados a

sentimentos internos (KRAUSS, 1998, p.101). Meu distanciamento para com os *ready-mades* ocorre, principalmente, pelo fato de que o objeto binóculo não é banal, não foi escolhido por um acaso; foi selecionado a partir de critérios objetivos e subjetivos.

Se a aproximação feita de "Observatório do desenho" com os *ready-made* é sobretudo conceitual, apresento dois trabalhos de artistas modernistas cujas aproximações são das operações realizadas em um suporte, que é um objeto.

No trabalho "*L'Enigme d'Isidore Ducasse*" (1923), Man Ray embrulha, supostamente, uma máquina de costura e um guarda-chuva com um tecido escuro. Seguindo os métodos de abordagem com o trabalho objetual, propostos por Jean-Clarence Lambert, Man Ray realiza um apagamento do objeto, enigmatizando-o, pois a forma como o tecido foi colocado impossibilita o reconhecimento do que há por debaixo daquela cobertura. Apenas olhando, não é possível identificar, não há vestígios do que de fato seja. Sabe-se que o trabalho foi inspirado em uma frase do livro "Os contos de moldoror", de Isidore Ducasse, de 1869: "Belo (...) como o encontro fortuito sobre uma mesa de dissecação de uma máquina de costura e um guarda-chuva".

Mesmo que o objeto por debaixo seja revelado, ainda é um enigma, e causa um certo estranhamento. Segundo Jennifer Mundy (2003), "O guarda-chuva foi interpretado como elemento masculino, a máquina de costura como elemento feminino e a mesa de dissecação como cama".





**Figura 5.** L'Enigme d'Isidore Ducasse Man Ray. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/art/artworks/man-ray-lenigme-disidore-ducasse-t07957>. Acesso em: 07 de jul. 2023. O Objeto consiste em uma máquina de costura embrulhada com tecido e amarrada com barbante. 50x57x22 cm. 1920/1972. Máquina de costura, tecido, barbante.

A abordagem com o trabalho objetual proposta por Jean-Clarence Lambert também é percebida nos trabalhos de menor escala de Christo Javacheff. Alguns elementos são retirados do cotidiano, realizando um empacotamento de alguns objetos como telefone e garrafas. Nas obras de Christo, é possível encontrar a desrealização e a enigmatização do objeto, no sentido da inoperância do objeto e da ocultação de sua forma e superfície.



**Figura 2.** Wrapped telephone Christo e Jeanne-Claude. Disponível em: <https://christojeanneclaude.net/artworks/packages-and-wrapped-objects/>. Acesso em: 07 de jul. 2023 Objeto consiste em um telefone embrulhado em uma plástico transparente e amarrado com barbante. 4 x 27 x 24 cm. Foto: André Grossmann, 1962. Polietileno, corda, telefone e fio telefônico.

## Conclusão

Trabalhar poeticamente a partir de um objeto cotidiano desencadeou diversos entendimentos acerca da dinâmica processual em artes visuais. Muitas etapas foram realizadas até a escolha de um objeto que, por possuir forte apelo afetivo, impossibilitou ações mais contundentes sobre ele e com ele. Talvez seja essa uma das razões para haver feito dois trabalhos a partir de um único suporte.

A primeira intervenção, que gerou o trabalho “Espelhos”, se deu ao nível de sua função de ver. Trocar as lentes por espelhos permitiu a desrealização do objeto por meio de reversão funcional, pois o sistema de lentes e espelhos não mais permitia ver ao longe, mas a reprodução do olho do usuário do objeto. No entanto, a segunda intervenção, que

gerou "Observatório do desenho", é um trabalho que demandou, igualmente, muitas operações conceituais e físicas para sua realização. A incorporação de tecido e linhas ao objeto obedeceu aos métodos ou operações de desrealização, enigmatização, por meio do apagamento formal e da superfície do objeto e permitiu, principalmente, uma experimentação mais afim à minha poética.

## **Referências**

- CASTANHEIRA, E. B. ; E. Castanheira . Cidade: Apropriações e Micro Intervenções. In: **A Língua que Habitamos: Condições de uma Cidade com Futuro: Cidades Antigas, Novos Espaços**. Lisboa: Academia de Escolas de Arquitectura e Urbanismo de Língua Portuguesa, 2017. v. 1. p. 146-153.
- CASTRO, Inês Osório de. **Do espaço à escultura transferências de um corpo**. Porto. 2009. Disponível em: < <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/67726>> Acesso em: 09/10/2022.
- KRAUSS, Rosalind. **Caminhos da escultura moderna**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MOLES, Abraham. **Teoria dos objetos**. Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1981.
- MORAIS, Frederico. "O campo tridimensional: esculturas, relevos, objetos e instalações". In: **TRIDIMENSIONALIDADE: arte brasileira do século XX**. São Paulo: Cosac&Naify/Instituto Cultural Itaú, 1999. P. 226-247.
- MUNDY, Jennifer. **L'Enigme d'Isidore Ducasse**. TATE, 2003. Disponível em: <<https://www.tate.org.uk/art/artworks/man-ray-lenigme-disidore-ducasse-t07957>>. Acesso em: 24 de setembro de 2022.

Recebido em: 11 de maio de 2023.

Publicado em: 09 de agosto de 2023.